

MEU SÃO BENEDITO

Um doutor casou com uma menina muito bonita e educada, boa dona de casa, e com todas as qualidades.

Mas, para o aceitar, a menina exigiu que fosse viver com eles a ama que a tinha criado.

O marido concordou, porque a ama, além de boa pessoa, era uma mulher de trabalho, asseada, e sobretudo ótima cozinheira.

Mas logo no primeiro dia de casados, quando se sentaram para almoçar, a menina não provou a sopa, que estava de chorar por mais, e pôs o prato de lado, explicando que em casa dela nunca se comia sopa ao almoço.

O marido aceitou a explicação, e achou a sopa tão boa, que, depois de comer a dele, comeu também a da mulher.

Veio a seguir um peixe primorosamente cozinhado pela ama, e, enquanto o marido se regalava, a menina fez cara, e nem sequer lhe tocou.

Espantou-se o marido, e perguntou-lhe porque não comia um peixe tão bom.

Disse a menina que não gostava de peixe, e mandou a ama levar o prato para dentro.

Continuou o almoço com um belo pedaço de carne assada, que só o cheiro fazia crescer água na boca.

A menina disse à ama que não a servisse, e, quando o marido lhe perguntou se também não gostava de carne assada, ela respondeu:

- Goste, mas faz-me sempre mal ao estômago.
- Porque não pedes à ama para te fazer outra coisa? - disse o marido.
- Não vale a pena, porque hoje estou mesmo sem apetite nenhum - respondeu a menina.

O marido comeu e repetiu, até que chegaram à sobremesa. E apesar de todos os doces e frutas esplêndidos que vieram para a mesa, a menina também não os provou.

- Estarás tu doente? – alarmou-se o marido.
- Não, não - respondeu ela. - É que na verdade não me apetece.

Mas cada vez que a ama entrava ou saía, a menina soltava um grande suspiro, e dizia:

- Ai, ama, muito custa o bem parecer!

E a ama só lhe respondia:

- É sofrer, menina, é sofrer, para formosa ser.

O marido não percebeu nada, mas como estava com pressa, saiu e não pensou mais no caso.

Repetiu-se a mesma cena ao jantar, e a todas as refeições dos dias que se seguiram. E cada vez que vinha um prato à mesa, a menina tornava a suspirar e dizia:

- Ai, ama, muito custa o bem parecer!

E a ama, respondia sempre a mesma coisa:

- É sofrer, menina, é sofrer, para formosa ser.

E foi assim durante semanas.

Até que o marido começou a ficar intrigado, porque a mulher não comia nunca, mas continuava de boa saúde, alegre e bem disposta.

Depressa a notícia se espalhou na terra, e toda a gente começou a chamar à menina:

*Meu São Benedito,
não come nem bebe,
e anda gordito.*

Até que o marido resolveu tirar o caso a limpo.

Certo dia, fingiu que ia fazer uma viagem, levou a mala e o capote, mas, assim que saiu de casa, voltou outra vez pela porta das traseiras e escondeu-se dentro de um armário, de onde ficou a espreitar o que a mulher fazia.

Mal o viu pelas costas, a menina mandou à ama que lhe fizesse um prato de miolinhos de pão esfarelados com mel e ovos e, assim que estavam prontos, comeu-os com apetite. E o marido sempre à espreita dentro do armário.

Quando chegou à hora do jantar, a menina mandou a ama guisar uma grande pratada de migas, e comeu-as com tanto gosto, que o marido estava espantado.

À hora do sol-pôr, mandou acender o lume e ensopar um frango com arroz de manteiga para a ceia.

Lá para a meia-noite, quando a menina se preparava para se regalar com o frango que estava no forno, o marido saiu do seu esconderijo, deu a volta à casa, molhou o capote na torneira, e fingiu que chegava de fora.

A mulher ficou muito espantada, porque não o esperava tão cedo, e também estranhou ele trazer o capote molhado, quando tinha estado um dia lindo, e não caíra uma gota de chuva.

- Sabes lá o que me aconteceu! - disse o marido. - Mal cheguei à estrada, começou a chover, uma chuva miudinha, miudinha... assim como os miolinhos de pão com mel que almoçaste. Julgando que passasse, continuei a andar. Mas a chuva começou a cair ainda com mais força. Eram pingos tão grossos e tão pesados, assim... como as migas que jantaste...

A menina estava espantadíssima, mas não abriu a boca. E o marido continuou:

- Até que me perdi no caminho e fui ter a um lameiro tão escorregadio, tão escorregadio como... o arroz de manteiga que mandaste fazer para a ceia, e tive que voltar, porque estava ensopado.., como o frango que tens guardado no forno.

- Como é que tu sabes tudo isso? - perguntou-lhe a mulher.

- Fingi que ia de viagem e meti-me naquele armário para verificar o que já sabia: que tu comes às minhas escondidas - disse o marido. - E agora queres explicar-me a razão por que não comes à mesa com o teu marido, como fazem as outras mulheres?

A menina explicou então que desde pequena tinha reparado nas caretas que todas as pessoas fazem quando mastigam, e jurara a si própria que, quando casasse, o marido nunca havia de vê-la comer, com medo de que ele a achasse feia, e deixasse de gostar dela. E terminou:

- Foi por isso que exigi que a ama viesse comigo: para ela me fazer as

refeições às escondidas.

- Pois para te provar que não tinhas razão - disse o marido -, e que o amor, a amizade e o entendimento não dependem disso, vamos cear os dois juntos o frango com ensopado de arroz que está no forno, porque estou cheio de apetite.

Assim fizeram, e viveram felizes até ao fim da vida, e comendo juntos e à mesma hora.

Conto popular

MEIN ST. BENEDIKTUS

Ein Doktor heiratete eine sehr schöne und wohlgezogene Frau. Sie war eine gute Hausfrau und hatte auch sonst nur hervorragende Eigenschaften. Sie willigte aber nur ein, wenn die Amme, die sie aufgezogen hatte, bei ihnen leben würde. Der Mann war damit einverstanden. Die Amme war eine gute Frau, fleissig, sauber und vor allem eine ausgezeichnete Köchin.

Schon am ersten Tag nach der Hochzeit wollte die Frau beim Mittagessen die schmackhafte Suppe nicht probieren. Sie stellte den Teller zur Seite und erklärte: "Bei mir zu Hause ass man nie Suppe zu Mittag."

Der Ehemann akzeptierte die Begründung. Und er fand die Suppe so gut, dass er nicht nur seine, sondern auch diejenige seiner Frau auslöffelte. Dann wurde ein vortrefflich gekochter Fisch serviert. Während der Mann sich daran ergötzte, ass die Frau nichts davon. Der Mann wunderte sich und fragte, warum sie einen so guten Fisch nicht essen wolle. Sie erklärte, sie habe Fisch nicht gern, und liess die Amme ihren Teller in die Küche zurücktragen.

Das Mittagessen setzte sich mit einem Braten fort. Er roch so gut, dass dem Mann das Wasser im Mund zusammenlief. Die Frau befahl der Amme, ihr nichts zu servieren. Als ihr Mann sie fragte, ob sie auch Braten nicht gern habe, antwortete sie: "Doch, ich habe ihn gern, aber er tut meinem Magen nicht gut."

"Warum bittest du die Amme nicht, dir etwas anderes zu kochen?", fragte der Mann.

"Es lohnt sich nicht, weil ich heute keinen Appetit habe", erwiderte die Frau.

Der Mann ass und schöpfte nach. Dann kam der Nachtisch. Es wurden viele Süßspeisen und wunderbare Früchte auf den Tisch gestellt. Auch davon ass die Frau nichts.

"Sag mal, bist du krank?", fragte der Mann besorgt.

"Nein, nein", antwortete sie, "ich habe einfach keinen Appetit."

Aber jedes Mal, wenn die Amme hereinkam oder hinausging, seufzte die Frau und sagte: "Ach, Amme, wie hart ist es, schön zu sein."

Und die Amme entgegnete: "Man muss leiden, gnädige Frau, man muss leiden, um schön zu sein."

Der Mann verstand nichts, und da er in Eile war, dachte er nicht weiter daran.

Während des Abendessens wiederholte sich die Szene und auch bei allen folgenden Mahlzeiten. Bei jeder neuen Speise seufzte die Frau und sagte: "Ach, Amme, wie hart ist es, schön zu sein!"

Und die Amme antwortete immer gleich: "Man muss leiden, gnädige Frau, man muss leiden, um schön zu sein."

Wochenlang ging das so. Die Frau ass nie etwas, blieb aber gesund und gut gelaunt.

Das ganze Dorf wusste davon, und alle riefen der Frau zu:

*Mein St. Benediktus
isst und trinkt nicht
und bleibt doch immer dick.*

Eines Tages beschloss der Ehemann, den Fall aufzuklären. Er tat so, als

wolle er verreisen, nahm einen Koffer und den Mantel, ging weg, kam aber durch die Hintertüre wieder herein und versteckte sich in einem Schrank, von wo aus er seine Frau beobachtete.

Die Frau bat die Amme, ihr Brotstückchen mit Honig und Eiern zuzubereiten. Der Mann beobachtete aus dem Schrank, wie sie die Speise mit grossem Vergnügen ass. Als die Zeit zum Mittagessen kam, liess sie sich von der Amme einen grossen Teller "migas"¹ zubereiten. Der Mann schaute seiner Frau erstaunt zu, während sie ass.

Bei Sonnenuntergang liess sie den Ofen heizen und ein Hähnchen mit Butterreis aufsetzen. Gegen Mitternacht, als das Hähnchen noch im Ofen war, kam der Mann aus seinem Versteck. Er machte den Mantel unter dem Wasserhahn nass und tat so, als kehre er nach Hause zurück. Die Frau war erstaunt, weil sie ihn nicht so schnell zurückerwartet hatte, und fand es seltsam, dass sein Mantel nass war. Den ganzen Tag über war es schön gewesen, kein Regentropfen war gefallen.

"Wenn du wüsstest, was mit mir geschehen ist!", sagte der Mann. "Wie ich auf der Strasse war, begann es zu regnen, ein ganz feiner Regen – so wie die Brotkrümel mit Honig, die du zum Frühstück hattest. Ich dachte, es würde aufhören, und ging weiter. Aber es begann noch stärker zu regnen. Die Tropfen waren so dick und schwer – wie die 'migas', die du zu Mittag gegessen hast."

Die Frau war sehr erstaunt, sagte aber nichts. Und der Mann erzählte weiter: "Ich verirrte mich unterwegs und ging zu einer Weide, die war so schlüpfrig, so schlüpfrig wie der Butterreis, den du zum Nachtessen aufsetzen liessest. Ich musste zurückkehren, ich war so nass – wie das Hähnchen, das du im Backofen hast."

"Wieso weisst du das alles?", fragte ihn die Frau.

"Ich tat nur so, als ob ich verreiste, und versteckte mich in diesem Schrank. Ich wollte die Bestätigung für das, was ich schon lange wusste: dass du heimlich isst", sagte der Mann. "Und jetzt musst du mir erklären, warum du nicht mit mir essen möchtest, wie es andere Ehefrauen machen."

Die Frau erklärte, sie beobachte seit ihrer Kindheit die Menschen beim Essen und sehe, wie alle Grimassen beim Kauen machen. Sie habe sich geschworen, nie vor ihrem Ehemann zu essen, damit er sie nicht hässlich finden und deshalb nicht mehr lieben würde. Zum Schluss sagte sie: "Deswegen wollte ich, dass die Amme mitkam, sie sollte heimlich für mich kochen."

"Also, um dir zu zeigen, dass du Unrecht hattest", sagte der Mann, "und dass Liebe, Freundschaft und Verständnis nicht von den Grimassen beim Essen abhängig sind, essen wir jetzt zusammen das Hähnchen mit Reis. Ich bin hungrig."

So machten sie es, und fortan assen sie immer zusammen und lebten glücklich bis zu ihrem Tod.

Volksmärchen

¹ 'migas' – Gericht aus eingeweichem Brot mit Olivenöl, Knoblauch und Koriander abgeschmeckt und gebraten.